

ÀS GAROTAS DA FÁBRICA



LESLIE T. CHANG

# As garotas da fábrica

Da aldeia à cidade, numa China  
em transformação

TRADUÇÃO DE CLÓVIS MARQUES



Copyright © 2008 Leslie T. Chang

TÍTULO ORIGINAL

Factory Girls: From Village to City in a Changing China

CAPA

Emily Mahon

PREPARAÇÃO

Julio Ludemir

REVISÃO

Umberto Figueiredo Pinto

Ana Julia Cury

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C43g

Chang, Leslie T.

As garotas da fábrica : da aldeia à cidade, numa China em transformação / Leslie T. Chang ; tradução de Clóvis Marques. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2010.

373p.

Tradução de: Factory Girls : From Village to City in a  
Changing China  
ISBN 978-85-98078-84-7

1. Indústria manufatureira - Empregados - China. 2. Mulheres - Emprego - China. 3. Mulheres jovens - Emprego - China. 4. Trabalhadoras - China. I. Título.

10-0141.

CDD: 331.40951

CDU: 331-055.2(510)

[2010]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua dos Oitis, 50

22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meus pais*



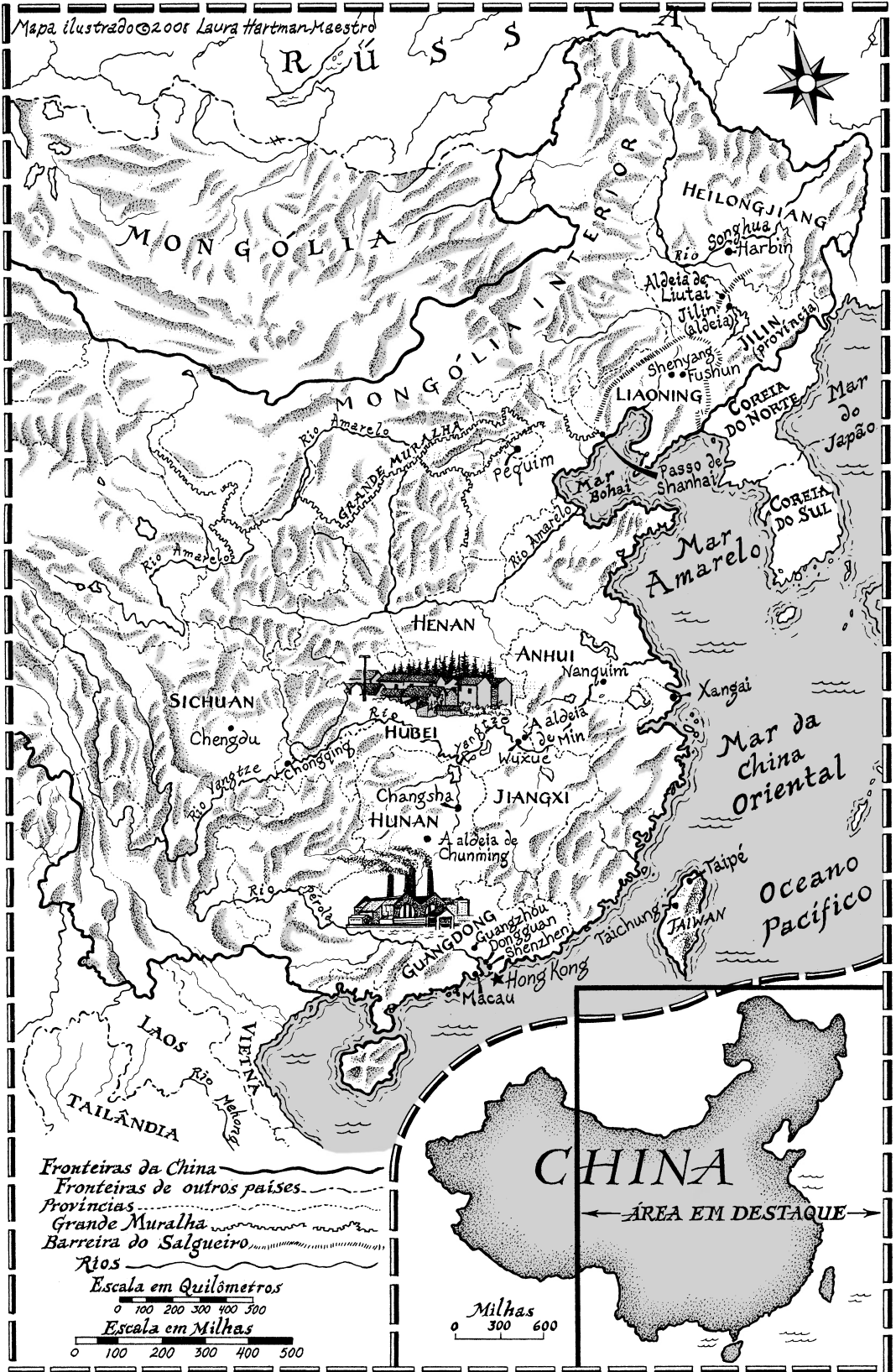
## SUMÁRIO

### PARTE UM: *A cidade*

1. Ir embora	11
2. A cidade	23
3. Morrer pobre é pecado	47
4. A feira de empregos	70
5. Garotas da fábrica	93
6. A estela sem nome	113
7. Quadrado e redondo	155
8. Um encontro de oito minutos	186
9. Inglês de linha de montagem	221

### PARTE DOIS: *A aldeia*

10. A aldeia	241
11. O historiador da minha família	272
12. O South China Mall	299
13. Amor e dinheiro	322
14. A tumba do imperador	337
15. Saúde perfeita	346
<i>Fontes</i>	365
<i>Agradecimentos</i>	371



Fronteiras da China  
Fronteiras de outros países  
Províncias  
Grande Muralha  
Barreira do Salgueiro  
Rios

Escala em Quilômetros  
0 100 200 300 400 500

Escala em Milhas  
0 100 200 300 400 500





PARTE UM:

A CIDADE



## IR EMBORA

Quando se encontrava uma garota de outra fábrica, a primeira coisa era saber as referências. *De que ano você é?*, perguntava uma à outra, como se não estivesse falando de um ser humano, mas da fabricação de carros. *Quanto por mês? Incluindo quarto e refeições? Quanto pelas horas extras?* Podia então perguntar de que província ela era. Mas nunca perguntava o nome.

Ter uma amiga de verdade dentro da fábrica não era fácil. Dormiam doze garotas em um quarto, e naquele ambiente claustrofóbico do dormitório era melhor guardar segredo. Algumas entravam para a fábrica com carteiras de identidade emprestadas e nunca diziam a ninguém os verdadeiros nomes. Outras só conversavam com colegas de sua província de origem, mas isso tinha lá seus riscos: o disse me disse percorria célere o caminho da fábrica até a aldeia, e quando elas voltavam para casa, as tias e as avós sabiam quanto tinham ganhado, quanto tinham economizado e se saíam com rapazes.

Quando alguém encontrava uma amiga de verdade, fazia tudo por ela. Se uma amiga saía do emprego e não tinha onde ficar, a outra dividia a cama com ela, mesmo correndo o risco de uma multa de 10 iuanes, o equivalente a cerca de 1 dólar e 25 centavos, se fosse apanhada. Se uma amiga trabalhasse muito longe, a outra acordava cedo num raro dia de folga e andava de ônibus durante horas, e no fim da linha a amiga tirava uma licença do trabalho — nesse caso, expondo-se a uma multa de 100 iuanes — para que passassem o dia juntas. Alguém podia ficar numa fábrica de que não gostasse ou deixar uma fábrica de que gostasse para atender ao pedido de uma amiga. As amigas

escreviam cartas toda semana, embora as garotas que já estavam há mais tempo fora de casa considerassem isso infantil. Elas preferiam mandar mensagens pelo celular.

As amigas frequentemente se separavam, pois a vida mudava muito rapidamente. A coisa mais fácil do mundo era perder alguém de vista.

O melhor dia do mês era o do pagamento. Mas, de certa maneira, era também o pior dia. Depois de trabalhar duro durante tanto tempo, era de enlouquecer a quantidade de dinheiro descontada pelas coisas mais bobas: um atraso de alguns minutos num dia, meio dia de licença por motivo de doença ou ter de pagar por fora quando os uniformes de inverno fossem trocados pelos de verão. No dia do pagamento, todo mundo corria para os correios para mandar dinheiro para a família. As garotas que acabavam de chegar de suas cidades ficavam loucas com essa história de mandar dinheiro para casa, mas as veteranas riam delas. Algumas abriam cadernetas de poupança, especialmente se já tinham namorado. Todo mundo sabia quais eram as mais econômicas e quanto já tinham economizado. Todas também sabiam quais eram as mais consumistas, com seus batons brilhantes e seus celulares prateados e os pingentes em forma de coração, para não falar dos muitos pares de sapatos de salto alto.

As garotas estavam sempre falando em ir embora. As operárias tinham obrigação de permanecer durante seis meses, e mesmo assim nem sempre eram autorizadas a partir. A fábrica retinha os dois primeiros salários; ir embora sem autorização significava perder esse dinheiro e começar do zero em outro lugar. Ali estava um fato dessa vida na fábrica que as pessoas de fora não sabiam: entrar para uma fábrica era fácil; o difícil era sair.

A única maneira de encontrar um emprego melhor era deixar aquele em que se estava. Entrevistas implicavam horas longe do trabalho, e quem conseguia um novo emprego devia começar imediatamente. Deixar um emprego também era a melhor garantia de conseguir um novo: a necessidade premente de um lugar para comer e dormir era um estímulo para encontrar trabalho depressa. Muitas vezes as garotas deixavam a fábrica em grupos, encontrando coragem no companheirismo e prometendo entrar juntas para outra fábrica, embora em geral isso se revelasse impossível. A coisa mais fácil do mundo era perder alguém de vista.

Durante muito tempo Lu Qingmin ficou sozinha. Sua irmã mais velha trabalhava numa fábrica em Shenzhen, pujante cidade industrial a uma hora de

ônibus. Os amigos da sua cidade estavam espalhados por fábricas ao longo do litoral da China, mas Min, como era chamada pelos amigos, não tinha contato com eles. Era uma questão de orgulho: como não gostava do lugar em que trabalhava, ela não dizia a ninguém onde estava. Simplesmente desapareceu.

O nome de sua fábrica era Carrin Electronics. Empresa com sede em Hong Kong, fabricava despertadores, calculadoras e calendários eletrônicos que exibiam as horas do dia em cidades do mundo inteiro. A fábrica parecia respeitável quando Min chegou para uma entrevista em março de 2003: prédios azulejados, pátio cimentado, *um portão de grade sanfonada*. Só depois de ser contratada é que ela pôde entrar. Doze operárias dormiam em cada quarto, em camas amontoadas perto de um vaso sanitário; os quartos eram sujos e cheiravam mal. A comida da cantina também era ruim: uma refeição consistia em arroz, um prato de carne ou legumes e sopa, e a sopa era aguada.

O dia na linha de montagem se estendia das oito da manhã até a meia-noite — treze horas de trabalho, mais dois intervalos para refeições —, e as operárias trabalhavam diariamente, semanas a fio. Às vezes, na tarde de sábado, não tinham de fazer hora extra, e era sua única folga. Ganhavam 400 iuanes por mês — o equivalente a 50 dólares — e quase o dobro disso com as horas extras, mas muitas vezes o pagamento atrasava. A fábrica empregava mil pessoas, em sua maioria mulheres, fossem adolescentes recém-saídas de casa, fossem mulheres casadas de mais de trinta anos. Podia-se avaliar a qualidade do local de trabalho vendo quem estava faltando: mulheres jovens, na faixa dos vinte anos, a elite do mundo fabril. Quando se via sentada na linha de montagem todo dia pelos próximos dez anos, Min ficava horrorizada. Ela tinha 16 anos.

Ela quis ir embora tão logo entrou na fábrica, mas havia se comprometido a ficar seis meses. Teria que aguentar, pois por enquanto ela não tinha muitas alternativas. A idade legal para o trabalho era 18 anos, embora com 16 e 17 fosse possível obter certos empregos com uma carga horária reduzida. De maneira geral, só mesmo um empregador em frontal desrespeito às leis trabalhistas — “as fábricas mais sujas mesmo”, dizia Min — contrataria alguém da sua idade.

Na primeira semana no emprego, Min completou 17 anos. Tirou meio dia de folga e caminhou pelas ruas, comprando doces e comendo-os sozinha. Não tinha a menor ideia do que as pessoas faziam para se divertir. Antes de chegar à cidade, tinha apenas uma ideia confusa do que era uma fábrica; imaginava vagamente um animado lugar de socialização.

— Eu achava que seria divertido trabalhar na linha de montagem — diria mais tarde. — Achava que seria muita gente trabalhando junta, todos ocupados, conversando e se divertindo. Achava que a coisa seria mais livre. Mas não era assim, de jeito nenhum.

Era proibido conversar no trabalho, o que podia acarretar uma multa de 5 iuanes. Os intervalos para ir ao banheiro duravam no máximo dez minutos, sendo necessário assinar uma lista. Min trabalhava no controle de qualidade, fiscalizando os produtos eletrônicos que passavam na linha de montagem, para ver se os botões funcionavam, as peças de plástico se encaixavam e as baterias estavam em ordem. Não era uma operária padrão. Estava constantemente tagarelando e cantando com as outras mulheres da linha. Ficar sentada parada a fazia sentir-se aprisionada, como um pássaro numa gaiola, de modo que de vez em quando ela corria até o banheiro só para espiar pela janela as montanhas verdejantes que a lembravam de sua cidade. Dongguan era uma cidade industrial situada numa luxuriante região subtropical, e às vezes parecia que Min era a única que reparava. Por sua causa, a fábrica baixou uma norma limitando as idas ao banheiro a uma a cada quatro horas; a penalidade pelas violações era de 5 iuanes.

Depois de seis meses, Min foi falar com o patrão, um homem de uns 20 anos, e disse que queria ir embora. Ele não deixou.

— O seu desempenho na linha de montagem não é bom — disse o patrão de Min. — Você é cega?

— Ainda que fosse cega — retrucou Min —, não trabalharia para uma pessoa tão ingrata como o senhor.

No dia seguinte, ela deixou a linha de montagem, um protesto que lhe valeu uma multa de 100 iuanes. Passado outro dia, ela voltou a procurar o patrão, pedindo mais uma vez para ser liberada. E ficou surpresa com a resposta: se ficasse até o feriado do Ano-novo lunar, dali a seis meses, poderia ir embora com os dois meses de salário que a fábrica lhe devia. O patrão de Min achava que ela ia ficar. Depois do Ano-novo, cidades industriais como Dongguan são invadidas por trabalhadores, e a competição pelos empregos é muito dura.

Depois da discussão, o patrão de Min tornou-se mais gentil com ela. Exortou-a várias vezes a ficar; chegou até a falar em uma promoção, só que sem aumento de salário. Min resistia.

— Sua fábrica não merece que eu desperdice aqui a minha juventude — disse-lhe ela.

Matriculou-se então num curso de informática de uma instituição profissionalizante próxima. Quando não era obrigada a fazer hora extra, ela deixava de jantar para ter algumas aulas de digitação ou aprender a preencher formulários no computador. A maioria das garotas da fábrica se achava tão ignorante que nem adiantaria estudar, mas Min não pensava assim. “Aprender é melhor que não aprender”, raciocinava.

Telefonou para casa e disse que estava pensando em largar o emprego. Seus pais, que eram pequenos agricultores e ainda tinham três filhos menores na escola, desaconselharam-na.

— Você está sempre pulando de galho em galho — disse o pai. — Uma mocinha não devia ser tão inconstante. Fique no mesmo lugar e economize algum dinheiro — disse-lhe ele.

Min desconfiava que não era o melhor conselho.

— Não se preocupe comigo — respondeu ela ao pai. — Sei cuidar de mim mesma.

A essa altura ela tinha duas amigas de verdade na fábrica, Liang Rong e Huang Jiao’e, ambas um ano mais velhas. Nas noites em que tinha aula, elas lavavam sua roupa. Esse trabalho era constante, pois as operárias tinham poucas mudas de roupa. Na escuridão úmida da noite, encerrado o expediente, viam-se longas filas de garotas com baldes d’água indo e vindo dos banheiros do dormitório.

Quando a pessoa tinha amigos, a vida na fábrica podia ser divertida. Nas raras noites de folga, as três garotas deixavam de jantar para ir patinar, e ainda voltavam a tempo de ver um filme tarde da noite na fábrica. Com a chegada do inverno, o frio nos dormitórios, que não tinham aquecimento, mantinha as garotas acordadas. Min levava as amigas para o pátio para jogar badminton até se sentirem bastante aquecidas para cair no sono.

O Ano-novo lunar de 2004 caiu no fim de janeiro. Os operários tiveram apenas quatro dias de folga, o que não era suficiente para ir em casa e voltar. Min ficou enfiada no dormitório e telefonou para casa quatro vezes em dois dias. Depois do feriado, voltou a procurar o patrão, e dessa vez ele a liberou. Liang Rong e Huang Jiao’e choraram quando Min lhes deu a notícia. Numa cidade de estranhos, elas eram as únicas que sabiam de sua partida. Imploraram que ficasse, achando que as condições em outras fábricas não seriam melhores e que no fim das contas ficar ou ir embora dava no mesmo. Mas Min não pensava assim.

Ela prometeu que voltaria para visitá-las depois de receber o primeiro pagamento no novo emprego. Min foi embora no mesmo dia, com algumas roupas numa mochila e os dois meses de salário que a fábrica lhe devia. Mas não levou as toalhas nem a roupa de cama; pagara por elas, mas não aguentava mais olhar para aquilo.

Em dez meses na linha de montagem, Min conseguira mandar para casa 3 mil iuanes — cerca de 360 dólares — e fizera duas amigas.

Tinha motivos para ficar com medo. Mas tudo o que sabia era que estava livre.

Na aldeia natal de Lu Qingmin quase todo mundo tinha o mesmo sobrenome. Eram noventa famílias, plantando arroz, colza e algodão em pequenos lotes de terra. A família de Min cultivava 50 metros quadrados e consumia a maior parte do que plantava.

Seu futuro já parecia decidido quando ela ainda era criança, girando em torno de um verdadeiro dogma da vida rural: toda família precisa ter um filho homem. A mãe de Min tivera quatro meninas antes de finalmente dar à luz um menino; naqueles primeiros anos da política governamental de limitar o número de filhos a um por família, a fiscalização não chegava ao campo. Mas cinco filhos representariam pesados encargos financeiros com a abertura da economia na década de 1980 e a elevação do custo de vida. Como era a segunda mais velha, Min veria cair sobre seus ombros muitos desses encargos.

Ela não gostava da escola e não era boa aluna. Desde que se entendia por gente, suas lembranças eram sempre de problemas. Trepava nas árvores dos vizinhos para roubar ameixas; quando era apanhada, levava uma surra. Certa vez, ela se negou a fazer uma tarefa que a mãe lhe obrigara. “Tem tanta gente em casa! Por que logo eu?” A mãe saiu correndo atrás dela por uns 400 metros e bateu na filha com uma vara.

Ela sabia se divertir. Aprendeu a nadar e a dirigir caminhões; adorava patinar e escondia as escoriações da mãe. “Eu cá de todos os jeitos que alguém pode cair”, dizia Min. “Mas a gente não pode ficar pensando nessas coisas.”

Ela era a queridinha do pai. Certo verão, ele alugou um caminhão e Min viajou pelo campo com ele, vendendo melancias cultivadas no lote da família. Eles se deslocavam durante o dia e dormiam no caminhão à noite; aquela viagem seria uma das lembranças mais agradáveis de Min. A maioria dos migrantes associava a terra natal à pobreza e ao atraso, e alguns até relutavam em



dizer o nome de sua aldeia. Muito tempo depois de chegar à cidade, contudo, Min continuava falando de sua cidade natal como um lugar lindo.

No fim da década de 1990 os pais de Min foram trabalhar para ganhar dinheiro e pagar a escola dos filhos. O pai trabalhava numa fábrica de calçados do litoral, mas foi obrigado a voltar por causa de problemas de saúde. Mais tarde sua mãe se ausentou por um ano. Min foi internada numa escola numa cidade próxima, mas retornava para casa todo fim de semana para cozinhar e lavar a roupa para o pai e os irmãos menores.

Quase todos os jovens da sua aldeia tinham migrado. Quando ela ainda estava internada, sua irmã mais velha, Guimin, foi trabalhar numa fábrica em Dongguan. Logo depois Min foi reprovada no exame nacional de admissão ao ensino médio e os pais começaram a pensar em mandá-la trabalhar também. Guimin telefonou para casa, exortando-os a manter Min na escola; o salário da fábrica onde estava trabalhando, afirmou, ajudaria a pagar seus estudos. Os pais concordaram, e Min matriculou-se num curso técnico de dois anos. Com isso, tornou-se uma das pessoas mais bem preparadas da aldeia — mais até que Guimin, que sacrificara sua formação para ajudar a família.

Guimin voltou para casa para o Ano-novo lunar de 2003 e levou Min consigo. Min tinha mais um semestre a frequentar na escola, mas queria economizar as mensalidades e observar o mercado de trabalho. Ficou fascinada com a ideia de sair de casa; nunca viajara de trem nem vira uma fábrica. “Eu queria começar cedo, aprender algumas coisas e conhecer o mundo”, disse.

Em Dongguan, Guimin alugou um quarto num hotel barato para Min e conseguiu para ela um emprego numa fábrica japonesa de telas de cristal líquido. Min trabalhou nessa fábrica durante um mês e pediu demissão. Nunca estivera num lugar onde não conhecia ninguém, e não suportou o peso da solidão. Voltou ao hotel e procurou emprego em outra fábrica, mas não ficou. Sua irmã se ofereceu para continuar pagando seu quarto de hotel, mas Min achou que estava se tornando um fardo. Num ponto de ônibus, viu um folheto de propaganda oferecendo emprego no controle de qualidade da linha de montagem de uma fábrica de produtos eletrônicos. Telefonou para o número indicado no anúncio — muitas vezes, esses contatos eram armadilhas para roubar dinheiro dos migrantes — e a pessoa que atendeu forneceu-lhe o endereço da fábrica. Seria uma viagem de três horas de ônibus em direção à extremidade sudeste de Dongguan e à Carrin Electronics, a fábrica em que Min passou aquele ano difícil sozinha.

No instante em que entrou na fábrica, Min deu-se conta de que o lugar era pior que a fábrica japonesa que acabara de largar. Mas já era tarde para voltar atrás, e ela não queria pedir novamente ajuda à irmã. Já se acostumara à ideia de começar uma vida nova por conta própria — era melhor assim.

Os trabalhadores migrantes usam uma expressão simples para se referir à iniciativa que define suas vidas: *chuqu*, ir embora. *Eu não tinha o que fazer em casa, e então fui embora*. É assim que começa a história de um migrante.

A cidade não lhes oferece uma vida fácil. A remuneração pelo trabalho duro é baixa, muitas vezes mais baixa que o salário mínimo oficial, que varia entre 50 e 80 dólares por mês. A jornada de trabalho, muitas vezes, se estende além do limite legal de 49 horas por semana. Quem se acidenta, adocece ou engravida precisa se virar sozinho. Os governos locais oferecem poucos incentivos para proteger os trabalhadores; sua função é agradar os empresários, o que contribuirá para aumentar os investimentos e a arrecadação. Mas sofrer em silêncio não é exatamente o que os trabalhadores migrantes desejam. Deixar a terra natal para trabalhar numa fábrica é a coisa mais difícil que fizeram. E também é uma aventura. O que os mantém na cidade não é o medo, mas o orgulho: uma volta precoce para casa seria reconhecer a derrota. Ir embora para ficar — *chuqu* — é mudar o próprio destino.

Os migrantes são a elite do campo. São mais jovens, mais bem preparados e mais empreendedores do que as pessoas que deixam para trás. O modo como são chamados na cidade — *liudong renkou*, população flutuante — dá a impressão de que são pessoas desinteressadas, mas a maioria sai de casa com um emprego em vista, na companhia de um parente ou conterrâneo da aldeia que já conhece o caminho. E a maioria dos migrantes jovens de hoje não provém da agricultura: vem da escola. Seus pais é que eram agricultores. A migração foi uma consequência acidental das reformas econômicas. Em 1958, o governo chinês realizou um censo familiar que enquadrava cada pessoa na condição rural ou urbana em função do local de nascimento. A população urbana teve acesso a empregos, casas e cupons de racionamento de alimentos e outras necessidades; os moradores do campo, sem esses privilégios, ficaram presos à propriedade rural.

No fim da década de 1970 as reformas permitiram às famílias de agricultores vender parte da colheita no mercado, em vez de entregar toda a produção ao Estado. A produção agrícola aumentou exponencialmente; de repente, havia alimentos nos mercados locais de todo o país. Pela primeira vez os moradores do campo eram capazes de sobreviver de maneira independente nas

idades. Uma medida governamental de 1984 autorizava os agricultores a estabelecer pequenos mercados nas cidades; mudar-se deixou de ser um crime. A migração ganhou velocidade, e em 1990 o país tinha sessenta milhões de migrantes, muitos atraídos pela expansão das fábricas e cidades no litoral.

Hoje, a China tem 130 milhões de trabalhadores migrantes. Em fábricas, restaurantes, canteiros de obras, elevadores, serviços de entrega, limpeza doméstica, creches, coleta de lixo, barbeiros e bordéis, praticamente todo trabalhador tem origens rurais. Em cidades grandes como Pequim e Xangai, os migrantes chegam a ser um quarto da população; nas cidades industriais do sul da China, são eles que mantêm em funcionamento as linhas de montagem da economia nacional, baseada nas exportações. Juntos, eles representam o maior movimento migratório da história da humanidade, o triplo do número de pessoas que emigrou da Europa para a América ao longo de um século.

Mas o governo tem relutado em reconhecer a realidade da migração. Durante anos os migrantes precisavam se esconder da polícia nas cidades; os que eram apanhados sem visto de residência eram multados ou mandados de volta para casa. Finalmente, em 2003, o Conselho de Estado, o Ministério da China, emitiu um amplo documento considerando a migração essencial para o desenvolvimento do país. Proibiu a discriminação contra os migrantes nos empregos, preconizando melhores condições de trabalho para eles e educação para seus filhos. Nos muros das aldeias, apareceram slogans em favor da migração: IR EMBORA PARA TRABALHAR COMO MIGRANTE, VOLTAR PARA CASA PARA DESENVOLVER. O TRABALHO VAI, O DINHEIRO VEM.

A migração está deixando as aldeias sem jovens. Nas áreas rurais de toda a China os que aram e colhem são homens e mulheres mais velhos, incumbidos de gerir a agricultura e cuidar das crianças que ainda estão na escola. O dinheiro mandado para casa pelos migrantes já é a maior fonte de acumulação de riqueza no interior da China. Mas ganhar dinheiro não é o único motivo para que as pessoas migrem. Nas pesquisas, os migrantes consideram “conhecer o mundo”, “crescer como pessoa” e “adquirir novas capacitações” tão importante quanto aumentar a renda. Em muitos casos, não é a miséria que tira os migrantes de casa, mas a ociosidade. Os lotes de terra são pequenos e cultivados com facilidade pelos pais; as cidades próximas oferecem poucas oportunidades de emprego. *Eu não tinha o que fazer em casa, e então fui embora.*



Muito tempo depois Min ainda se lembrava da primeira vez em que foi à feira de empregos, tentando entender seus detalhes, como se fosse um sonho que não era capaz de interpretar. Numa manhã de domingo de fevereiro de 2004, depois de deixar a fábrica de Carrin, ela foi até a feira, onde passou quatro horas. Estava nervosa. Não levava nada consigo. Toda a sua estratégia de procura de emprego podia resumir-se em três palavras: não ambicione muito. Fez entrevistas em meia dúzia de empresas que estava contratando auxiliares de escritório. O auxiliar digitava, atendia o telefone, preenchia formulários, arquivava documentos, recebia visitantes e servia o chá; era a pessoa menos graduada na hierarquia do escritório.

— A gente não ia querer encontrar uma empresa muito exigente — diria ela mais tarde. — Nesse caso, seríamos recusadas e logo perderíamos a confiança.

No estande de uma empresa chamada Yidong Electronic uma funcionária do recrutamento pediu o currículo de Min. Ela nem tinha pensado em prepará-lo. A mulher disse-lhe que escrevesse sua história profissional num formulário. Min nem sequer tinha uma caneta, e a mulher emprestou-lhe uma. E sorriu para ela. “Não sei, não. Ela sorriu para mim. Talvez tenha sido isso.” Desse modo, Min muitas vezes voltaria mentalmente àquele dia, tentando entender o mistério do momento em que sua sorte mudou.

A mulher disse a Min que fosse à fábrica para uma segunda entrevista, mas ela não compareceu. O lugar era muito distante. Na sede da Yidong Electronic, contudo, um gerente chamado Li Pengjie examinava as candidaturas e se deteve no currículo de Min, notando que ela tinha boa caligrafia.

Na China tradicional, a caligrafia era um sinal de boa educação. A boa caligrafia demonstrava refinamento e cultura literária; a caligrafia também era capaz de revelar as pequenas fraquezas de caráter de uma pessoa. Li Pengjie tinha em mente algo mais ordinário: precisava de um auxiliar de escritório para cuidar dos arquivos sobre as máquinas da fábrica, e esses arquivos eram escritos à mão. Numa fábrica que produzia conectores e fontes de iluminação para telefones celulares, era essa antiga habilidade a mais importante.

Li Pengjie ligou para o celular do primo de Min — ela ainda não tinha o seu — e pediu que ela comparecesse para uma entrevista que duraria três horas.

Inicialmente, ela foi reprovada no teste do computador. “Todas as outras garotas se saem melhor no computador que você”, disse-lhe Li Pengjie.

Em seguida, fez-lhe perguntas sobre sua experiência profissional.

— Nunca fiz esse tipo de trabalho — respondeu ela. — Não tenho experiência.

Ele submeteu-a então a um teste escrito, e ela se saiu bem. Li Pengjie disse a Min que estava contratada, e que seria o seu chefe. E a instruiu a buscar suas coisas, para mudar-se para a fábrica naquele mesmo dia.

A oferta era tão inesperada que Min não sabia o que dizer. Ao levantar-se para deixar o escritório dele, contudo, as palavras de repente lhe vieram à boca.

— Tantas pessoas queriam esse emprego — disse ela ao novo patrão. — Por que me escolheu? Eu não sei nada.

— Você é muito objetiva — disse ele. — E é mais sincera que os outros.

Min começou a trabalhar no dia seguinte como auxiliar de escritório da seção de equipamentos. Sua seção controlava as furadeiras, amoladeiras e revestidores das linhas de montagem onde eram produzidas as peças de um telefone celular. O estado e a história de cada máquina estavam registrados num livro encadernado, como se fosse a ficha médica de um gigantesco paciente mudo. O trabalho de Min consistia em manter esses arquivos em ordem. Em cada quarto dormiam oito operários; a refeição era constituída de arroz, três pratos de carne ou legumes e sopa. A jornada de trabalho era de dez horas diárias, às vezes com direito a uma folga no sábado ou domingo. Min ganhava 800 iuanes por mês — cem dólares, o dobro do salário base na fábrica em que trabalhara antes.

ENCONTREI MIN PELA PRIMEIRA VEZ três semanas depois. Nascida em 1986, ela era baixa e atarracada, com cabelos encaracolados e olhos escuros e alertas que nada deixavam escapar. Como tantos jovens do interior da China, parecia ainda mais moça do que realmente era. Poderia ter 15 anos, ou 14 ou até 12 — uma menina levada de calças cargo e tênis, esperando impacientemente a hora de crescer. Tinha um rosto de criança. Era redondo e aberto para o mundo, com o ar de expectativa perseverante às vezes ostentado pelos rostos infantis.

Encontramo-nos no apartamento de uma mulher chamada Lin Xue, que escrevia artigos para uma revista local voltada para o público de migrantes. Eu dissera a Lin Xue que pretendia escrever sobre as jovens migrantes para o *Wall Street Journal*; sua irmã mais nova trabalhava numa fábrica e convidou Min, que era sua colega — na época, eu me encontrava com muitas migrantes, e já conhecia a história de Min.

— Venho de uma aldeia rural em Hubei, e sou a segunda de cinco irmãos — disse-me ela. — Nossos pais são agricultores. Nossas condições de vida não são boas. Eu fui embora com minha irmã mais velha, que foi trabalhar em Shenzhen. Queríamos trabalhar no mesmo lugar, mas não foi possível.

Ela fez uma pausa dramática.

— Por quê? — perguntei.

— Porque estamos sempre brigando — disse ela, rindo.

Min conversava sobre qualquer assunto; ao contrário da maioria dos chineses que eu conheço, não deixava a menor dúvida de que gostava de contar sua história. E se mostrava tão curiosa a meu respeito quanto eu a respeito dela: fora ao apartamento de Lin Xue naquele dia porque “queria ver como é uma americana”, segundo me confidenciaria mais tarde. Minha única preocupação era que já estivesse com a vida assentada: dispondo de um emprego estável num escritório, talvez já tivesse deixado para trás os grandes dramas de sua vida. Mas a verdade é que não precisava me preocupar neste sentido.

No dia em que nos conhecemos, Min contou-me os planos que traçara para sua vida. Trabalharia na cidade durante sete anos, mandando dinheiro para casa para ressarcir os pais por a terem criado; refletia-se aí a tradicional visão chinesa de que as crianças devem ser gratas aos pais pela dádiva da vida. Ao completar 23 anos, com a dívida saldada, Min voltaria para sua cidade e procuraria alguém para casar.

Ela estava de bom humor naquele dia. Tinha “saído da fábrica”, como dizem os migrantes, atravessando a linha divisória de classe entre os que trabalham com as mãos e os que trabalham com a cabeça. “Deus ainda é justo”, disse ela. “Permitiu que eu ficasse muito cansada durante um ano, mas agora me concede um novo começo.” Ela acabara de completar 18 anos e já sabia o que eram recomeços.